

**FERNANDA ILHÉU**

PROFESSORA DO IDEFE/ISEG | COORDENADORA DO CHINALOGUS/ISEG  
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA NOVA ROTA DA SEDA

# A NOVA ERA DA CHINA E AS RELAÇÕES COM PORTUGAL

É muito difícil entender a economia e os negócios na China sem considerar o seu contexto político, por isso não podemos deixar de analisar a sua situação atual. O 19.º Congresso do Partido Comunista Chinês, realizado em 18 outubro de 2017 em Pequim, foi um evento histórico que consolidou a liderança do Presidente Xi Jinping, o que foi visto na China com confiança, porque indica estabilidade e clareza de direção para a próxima década. A Constituição do partido, diferente da Constituição da China, mas de enorme importância, porque impregna toda a doutrinação ideológica nas escolas, *media* e agências governamentais, passou a incluir o nome e o pensamento de Xi Jinping, elevando-o ao fim de cinco anos ao mesmo estatuto do fundador da República Popular da China, Mao Zedong. O pensamento de Xi Jinping desenvolve e enriquece o pensamento de Mao Zedong, a Teoria de Deng Xiaoping, a Teoria das Três Representações de Jiang Zemin e a Perspetiva Científica para o Desenvolvimento de Hu Jintao e propõe o que considera a adaptação do marxismo ao contexto chinês, o *“pensamento sobre socialismo com características chinesas para uma nova era”*, com o objetivo de construir *“um grande e moderno país socialista”*.

No seu discurso ao Congresso, o Presidente Xi referiu que está a lançar a China numa nova era, referindo que Mao tornou a China independente, Deng tornou-a próspera e ele irá torná-la forte outra vez, restaurando a sua grandeza, quer aumentando o seu perfil nos negócios globais, quer fortalecendo os controlos internos para garantir a felicidade dos cidadãos, com um maior rendimento *per capita* e uma melhor distribuição de rendimentos, estabilidade financeira, controlo ambiental, controlo de excesso de capacidade produtiva, e controlo da economia especulativa. Xi referiu também a sua política de fortalecimento militar. Ficou assim clara a sua intenção de reforçar um sistema nacional de supervisão, unificado, autoritário e altamente efetivo para combater a corrupção existente na burocracia estatal. Xi Jinping iniciou o seu mandato sem a aceitação quase divina de Mao ou Deng, estes líderes eram

fundadores da República, revolucionários e heróis da Grande Marcha, o que lhes deu carisma e autoridade. Por isso é notável a supremacia que Xi Jinping alcançou ao fim de cinco anos, o que pode explicar a remoção pelo parlamento chinês, em março de 2018, do limite do mandato de dois períodos de cinco anos para a presidência, ficando assim assegurada a sua longa permanência no cargo.

A projeção global que conseguiu deve-se, por um lado, ao bom desempenho da economia chinesa e, por outro, ao protagonismo que alcançou no Fórum de Davos, de 2017, ao desafiar aos EUA a liderança do processo de globalização e do comércio livre. Partindo da perspectiva cada vez mais confirmada de que os EUA estão a iniciar um movimento de protecionismo, ele afirmou *“se os EUA adotam uma via mais mercantilista, os asiáticos e europeus em geral terão de se combinar para preservar o comércio livre”* e acrescentou *“deveremos permanecer comprometidos com o desenvolvimento do comércio global livre e com o investimento e promover a liberalização do comércio e do investimento”*.

Assumindo que a globalização tem problemas que urge corrigir, como a lentidão do crescimento da economia global, há já algum tempo, o aumento do *gap* entre ricos e pobres e entre o sul e o norte, e a dificuldade de alguns países em iniciarem um processo de desenvolvimento sozinhos, ele dá uma nova dinâmica à iniciativa *Uma Faixa Uma Rota* e a *Nova Rota da Seda do Século XXI*, iniciada em 2013, tornando-a uma iniciativa da China aberta ao mundo para ativamente, em conjunto com os países que se queiram juntar, contribuir para um novo modelo conceitual do desenvolvimento global. De acordo com uma resolução aprovada pelo 19.º Congresso, esta iniciativa foi também inscrita na Constituição do Partido na frase seguinte: *“o partido deverá constantemente desenvolver boas relações de vizinhança entre a China e os países à sua volta e trabalhar para fortalecer unidade e cooperação entre a China e os países em desenvolvimento. Deverá seguir o*

princípio de alcançar um crescimento partilhado através da colaboração, e prosseguindo a Iniciativa Faixa e Rota”, no entanto, esta iniciativa não se limita aos países vizinhos, ela pretende englobar países da Europa, Ásia, África, América Latina e Médio Oriente, independentemente do seu grau de desenvolvimento económico. De fato ela abrange já cerca de 70 países, envolve 65% da superfície global da Terra e mais de 4,8 mil milhões de pessoas que englobam economias que representam 62% do PIB mundial, 65% da superfície global da terra e 30% da produção económica baseada no mar. Esta inclusão é um grande passo para consolidar esta iniciativa como um plano de ação nacional a realizar nos próximos anos, aliás Xi Jinping estrutura nela a sua ação diplomática global, acreditando que esta nova dinâmica de globalização irá mudar o mundo e a relação entre os povos.

Este Congresso marca assim as linhas doutrinárias da “Nova Era” do socialismo chinês, como um novo marco do desenvolvimento da China seguindo o pensamento de Xi Jinping. De acordo com a sua visão, a modernização socialista será realizada basicamente de 2020 a 2035, e, de 2035 até ao meio do século XXI, a China será um grande país socialista, próspero, forte, democrata, culturalmente avançado, harmonioso e belo. No seu discurso de abertura deste Congresso, Xi reafirmou o compromisso da China de construir uma comunidade com futuro partilhado para a humanidade e garantiu que *“seja qual for o estágio de desenvolvimento que alcance, a China nunca buscará hegemonia ou se empenhará em expansão”*.

## **A ECONOMIA CHINESA FINALMENTE COMEÇA A REEQUILIBRAR-SE**

No período da presidência de Xi Jinping, o PIB da China passou de US\$9,6 triliões em 2013 para US\$12,2 triliões (nomenclatura americana) em 2017, contribuído com mais de 30% do crescimento económico global, com um ritmo de crescimento anual médio de 7,1%, tirando mais

**A economia chinesa**  
parece estar finalmente  
a reequilibrar-se, com  
o consumo interno a ser o  
motor mais importante de  
crescimento e deixando de  
depender tão fortemente  
do excessivo investimento;  
em 2017, o consumo  
contribuiu com 59% do PIB,  
de acordo com o China  
Development Forum.

de 60 milhões de pessoas da pobreza absoluta e levando 80 milhões a trocarem as zonas rurais pelas urbanas. No período da sua governação, 1500 medidas de reforma em áreas chave económicas e sociais foram lançadas, ao mesmo tempo que a China está a construir umas forças armadas modernas. A economia chinesa parece estar finalmente a reequilibrar-se, com o consumo interno a ser o motor mais importante de crescimento e deixando de depender tão fortemente do excessivo investimento; em 2017, o consumo contribuiu com 59% do PIB, de acordo com o China Development Forum. A explicação centra-se no aumento de rendimento *per capita*, que em 2017 se situou em US\$8806 em termos nominais (mais 24% que em 2013), a que corresponde um rendimento de US\$17000 em Paridade do Poder de Compra (com um crescimento de 84% no mesmo período), na taxa de inflação baixa cerca de 1,6%, numa taxa de desemprego igualmente baixa 3,9% e num sistema de segurança social que abrange cada vez mais pessoas e que tem vindo a ser progressivamente melhorado, embora seja ainda muito básico se o compararmos com os sistemas europeus.

Apesar desse promissor reequilíbrio, existe ainda um longo caminho a percorrer para garantir um crescimento sustentável e evitar os créditos mal parados, o Banco Mundial e muitos analistas consideram que essas reformas têm sido lentas e devem ser mais ousadas, nomeadamente no setor bancário, que é em 95% controlado pelo Estado, dando origem a uma distorção de incentivos e estruturas de governação muito permeáveis politicamente, que ocasionam a concessão preferencial de créditos de uma forma desproporcional às empresas estatais em detrimento do crédito aos privados e aos investidores estrangeiros, que assim ficam alheados de setores muito lucrativos da economia e, no setor financeiro, onde o rápido declínio do renminbi face ao dólar, no último semestre de 2017, obrigou a controlos mais rígidos nas transferências pessoais de divisas para o exterior para compra de propriedades e no Investimento Direto Estrangeiro (IDE) de empresas para a

aquisição de negócios com elevados ativos e em setores considerados não estratégicos para a China.

O excessivo peso do investimento no crescimento do PIB, que se verificou estruturalmente e se reforçou a seguir à crise de 2008, trouxe muitos problemas, sendo os mais graves a diminuição de retornos, com necessidade de um esforço de investimento muito maior, quase o dobro para conseguir o mesmo resultado, e este aumento de investimento levou a um aumento significativo da dívida, que cresceu de 171 para 295% do PIB, entre o primeiro trimestre de 2008 e o terceiro trimestre de 2017, de acordo com o Instituto de Finanças Internacionais, o que é muito elevado. Apesar dos muitos programas do governo no sentido de tornar a economia chinesa mais equilibrada e mais sustentada, só em 2017, o modelo económico chinês deu sinais de mudanças estruturais, com a percentagem do investimento no PIB a cair 3% e o consumo interno a crescer 3%. A transição para este modelo mais saudável dá-se ao mesmo tempo em que se substitui o foco do crescimento em quantidade pelo crescimento em qualidade, com emprego mais capital intensivo e menos mão-de-obra intensiva, com maiores salários, que são explicados pela diminuição da mão-de-obra disponível, mas também pela maior preparação técnico-profissional da existente. Este modelo está a registar uma outra evolução positiva, que é uma maior estabilidade nas migrações internas, uma vez que a indústria de mão-de-obra intensiva se está a mover para regiões mais pobres, do interior e do noroeste, aumentando os rendimentos dessas populações e permitindo a sua urbanização.

Apesar do aumento da massa salarial no PIB estar a crescer, o seu efeito no consumo ainda não é tão significativo como podia ser, devido aos hábitos de poupança existente, a taxa de poupança é tradicionalmente cerca de 50% do rendimento, e é difícil mudar essa atitude nas gerações mais velhas sobretudo porque a rede dos serviços de saúde e educação estatais não oferecem grande qualidade e os cidadãos preferem

poupar para fazer face a esses gastos. De qualquer maneira, a tendência para um maior consumo parece sólida à medida que a classe média sobe, os mais jovens com uma orientação para o consumo começam a chegar ao mercado de trabalho e os seguros de saúde e vida permitem encarar com maior tranquilidade esse tipo de incerteza.

A imprensa europeia, de uma maneira geral, manifestou preocupação com a concentração de poderes em Xi Jinping e com o seu discurso de maior controlo, autoridade e centralização, mas, por outro lado, ele também foi muito claro e detalhado em termos de direção política, sempre afirmando uma maior abertura às empresas estrangeiras. Essa afirmação tem aliás suporte no Documento n.º 5 do Conselho de Estado *“Notice on Several Measures on Promoting Further Openness and Active Utilisation of Foreign Investment”*, emitido em janeiro de 2017, que indica intenções de levantar interdições ou melhorar acessos ao mercado chinês para as empresas estrangeiras, nomeadamente integra três grupos de diretivas a implementar no futuro progressivamente:

- 1.º - Tomar medidas para uma maior abertura ao mundo.
- 2.º - Manter uma concorrência justa entre empresas domésticas e estrangeiras.
- 3.º - Aumentar esforços para atrair investimento estrangeiro.

Xi Jinping afirmou em Davos que *“quer se goste ou não, a economia global é um grande oceano do qual não se pode escapar. Qualquer tentativa para cortar o fluxo de capital, tecnologias, produtos, indústrias e pessoas entre economias e canalizar as águas do oceano de volta para os lagos e riachos isolados simplesmente não é possível. Na verdade, ele é executado contrariando a tendência histórica”*. Mais concretamente, ele comprometeu-se a aumentar o acesso das empresas estrangeiras ao mercado chinês, a

aumentar a proteção da propriedade intelectual e a tornar o mercado chinês mais transparente e regulado.

Nesse sentido, algumas medidas têm sido tomadas mais ou menos favoráveis às empresas estrangeiras; todavia não são ainda muito significativas, e dependem dos setores de atividade. Por exemplo, o controlo em setores estratégicos como o financeiro, as telecomunicações, o petróleo e gás e a internet poderá até aumentar e tornar a atividade das empresas estrangeiras ainda mais difícil, em contraste com setores não estratégicos que são maioritários na economia, e em que as empresas de investimento estrangeiro poderão ter ganhos de competitividade, uma vez que as vantagens de que as empresas chinesas têm usufruído, como taxas mais baixas e menos cumprimento da proteção ambiental, irão diminuir ou desaparecer.

De qualquer maneira, o nível de confiança nos negócios na China das empresas europeias é positivo, tendo-se em 2017 invertido a visão de otimismo decrescente que se estava a verificar desde 2013. O relatório sobre confiança nos negócios no mercado chinês, publicado em junho 2018 pela European Union Chamber of Commerce na China, conclui que as empresas suas associadas tiveram, em 2017, o maior aumento de receitas desde 2013 e

estão também otimistas em relação aos lucros, com 77% a declarar resultados positivos antes de juros e impostos, essa percentagem em 2013 era de 65%, estão no entanto pouco otimistas com a pressão da concorrência, mas 55% dos membros ainda afirma a sua intenção de no futuro expandir os seus negócios na China, enquanto em 2013 essa percentagem era de 86%.

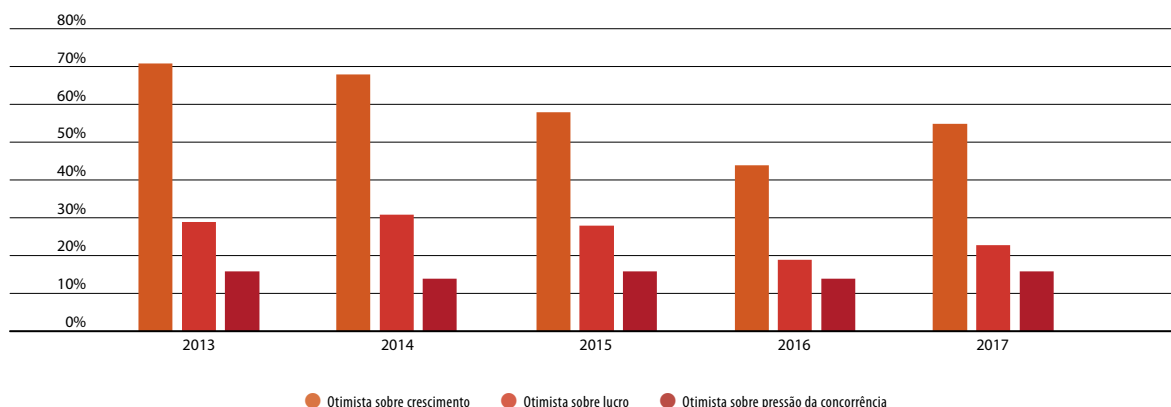
Este modelo em que a China está a subir na sua cadeia de valor poderá ser favorável às empresas estrangeiras, mais habituadas do que as empresas chinesas a respeitar os padrões internacionais de fabrico de produtos com qualidade e segurança, e mais habituadas a responder melhor às exigências do consumidor e do governo na adoção de práticas produtivas de respeito pela segurança do trabalhador e do ambiente.

No entanto, cada vez mais a concorrência está a evoluir de baixo preço para a tecnologia, e para a qualidade de produtos e serviços, sendo muito difícil competir com sucesso num mercado, que exige constantes adaptações para satisfazer as necessidades dos consumidores, que evoluem muito rapidamente e que regista uma pressão cada vez maior das empresas locais chinesas que se sofisticam e que estrategicamente apostam em pesquisa e desenvolvimento, não só para

Gráfico 1

### NÍVEL DE CONFIANÇA – PERSPETIVAS DE NEGÓCIO

EUCCC 2017



Fonte: Confidence Survey 2018, European Union Chamber of Commerce, Beijing

desenvolverem melhores produtos para os clientes chineses, mas também para entregarem soluções globais. Nesse contexto, sem localização, sem a capacidade de atuar como empresa local em termos de tomadas de decisão e sem capacitação dos quadros locais, as empresas europeias dificilmente serão competitivas. A digitalização é outro fator importante de competitividade, uma vez que a tendência para vendas *online* é muito positiva quer seja em B2B como em B2C, o *marketing* na China tem de ser cada vez mais simultaneamente *online* e *offline* e a narrativa da apresentação de produtos e/ou serviços é um importante fator de decisão de compra.

## RELAÇÕES PORTUGAL-CHINA

Aguarda-se com elevada expectativa a visita do Presidente Xi Jinping a Portugal em dezembro de 2018 e o ano de Portugal na China em 2019, para dar um salto qualitativo e significativo no relacionamento entre os dois países, com um maior entrosamento ao nível empresarial e cultural.

Não que os discursos das entidades oficiais portuguesas e chinesas não sejam unânimes em afirmar que as relações entre Portugal e a China nunca foram tão boas e tão estreitas, mas porque muito ainda poderá ser feito na cooperação entre os dois países, que justifique esse bom relacionamento que é fundado historicamente na secular presença portuguesa em Macau e que foi fortalecido pela excelência do processo de transição da soberania de Portugal para China.

Com um investimento significativo de empresas chinesas em Portugal, de acordo com o relatório da Baker & McKenzie (Janeiro, 2018) entre 2000 e 2017, o *stock* de IDE da China em Portugal foi de US\$ 7,6 mil milhões, o que coloca a pequena economia portuguesa como a décima recetora de investimento chinês no mundo, e de um número cada vez maior de chineses a viver em Portugal, resultante de investimento em ativos

imobiliários para obtenção de vistos *gold* que atingiram o valor de 2.016 milhões de euros entre 2013 e 2017, estranha-se que os valores do comércio entre os dois países ainda seja tão modesto, sobretudo para os fluxos de bens de Portugal para a China. Efetivamente, as exportações portuguesas apesar de um crescimento de 8,2% no período entre 2013 e 2017 oscilaram entre apenas 657,5 milhões e 842,9 milhões de euros, enquanto as importações da China cresceram de uma forma sustentada 10,7% nesse período, situando-se em 2017 em 2.048,9 milhões de euros, o que ocasionou um saldo negativo de 1.026 milhões. De referir que as exportações portuguesas estão altamente dependentes dos veículos da Autoeuropa, que representam 34% do total exportado, e os outros grupos de produtos mais relevantes são matérias-primas – os minerais e minérios (11,8% do total) e a pasta de papel e papel (11,6%). Em termos de processamento industrial, o grupo que mais peso tem no total exportado para China é o dos produtos alimentares com um peso de 10,2% das exportações, sendo que 7,3% são cervejas de malte, portanto, uma concentração grande em poucos produtos. Seria uma boa notícia que durante a visita de Xi Jinping a Portugal fosse anunciada a autorização da exportação de carne de porco e de frutas com origem em Portugal para a China, o que iria contribuir para um maior equilíbrio da balança comercial com aquele país. Outro projeto interessante para o equilíbrio da balança comercial seria a abertura de uma loja *online* pela AICEP com produtos selecionados e de qualidade garantida com um selo oficial, para isso seria necessário um acordo com a Tmall do grupo Alibaba e um acordo entre os correios de Portugal e os correios da China para entrega dos produtos.

Espera-se também desta visita que possa ser assinado o primeiro protocolo de cooperação entre os dois governos para o desenvolvimento de um projeto de desenvolvimento no âmbito da iniciativa Faixa e Rota e a Nova Rota Marítima do Século XXI. Portugal terá certamente um papel importante na Rota Atlântica e

portanto poderão ser planeados vários projetos de desenvolvimento integrados nesta iniciativa, como por exemplo:

- 1 - Na zona de Sines, aumento do Porto de Sines, construção de infraestruturas para a sua ligação ao resto da Europa e a implementação na zona entre Sines e Setúbal de áreas logísticas, de processamento industrial (nomeadamente no *cluster* automóvel), mas também de desporto, lazer, turismo, com integração do *habitat* já existente.
- 2 - Projeto de desenvolvimento conjunto de uma estação de GNL no Porto de São Vicente nos Açores e integração nas redes mundiais de comércio e energia.
- 3 - Na área do ensino superior e investigação, a constituição de parcerias para desenvolver áreas de investigação e formação ligadas ao mar. As Universidades dos Açores, da Madeira e do Algarve estão bem posicionadas para integrar um centro de pesquisa de ecossistemas, recursos marinhos, aplicações industriais, biologia, oceanografia, ciências do mar e da vulcanologia.
- 4 - Na ilha da Madeira existe ainda espaço para um desenvolvimento na industrialização da Zona Franca da Madeira e para a construção de turismo residencial com serviços de medicina chinesa integrada com a medicina convencional para atrair reformados chineses.

Em março de 2018, a Associação Amigos da Nova Rota da Seda, que promove a Iniciativa Faixa e Rota em Portugal e identifica áreas de cooperação entre Portugal e a China neste contexto, organizou, no ISEG, uma Conferência sobre o Financiamento da Faixa e Rota, que contou com ilustres representantes de entidades como o China Development Bank, o Banco da China, o CAFund o CPDFund, o Banco Mundial, o ADB, o EIB e com a participação por vídeo de Sir David Alexander, Vice-Presidente do AIIB e retivemos muita informação re-

levante sobre o tema mas também algumas mensagens sobre o processo de cooperação da China com Portugal.

Deixarei aqui a mensagem do Vice-presidente do China Development Bank na Província de Shaanxi, o Sr. Wu Shiwei: *“Em primeiro lugar devemos planejar o desenvolvimento da cooperação. O Banco de Desenvolvimento quer cooperar com departamentos do governo português. E com o apoio dos Amigos da Nova Rota da Seda em Portugal irá proceder a uma maior identificação das perspetivas de desenvolvimento em Portugal e planejar a cooperação económica e comercial entre a China e Portugal. Através de um planeamento sistemático, classificaremos as informações dos projetos que são de maior importância para a integração económica regional e apoiaremos o foco de Portugal em infraestruturas, energia, telecomunicações, construção naval, transporte marítimo e aquacultura, e promoveremos a melhoria do sustento das pessoas e a modernização industrial” (...)* *“Combinaremos as características dos recursos marinhos e do ambiente de Portugal e ajudaremos as entidades chinesas relevantes na participação no desenvolvimento da investigação sobre recursos marinhos e da aquacultura marinha em Portugal e faremos contribuições ativas para a cooperação no campo marítimo entre a China e Portugal. Ao mesmo tempo, estamos também a acompanhar e apoiar ativamente a construção de grandes projetos de infraestrutura, como o Porto de Sines”.*

Penso que a mensagem é muito clara, e que nos compete preparar muito bem esta visita do Presidente Xi Jinping colocando em cima da mesa projetos concretos que sejam simultaneamente importantes para Portugal e para a China, senão ficaremos pelas habituais declarações de bom relacionamento e amizade que são muitos importantes mas não são esteio para a construção de um progresso conjunto. ><

fernandailheu@iseg.ulisboa.pt